



O telejornal como experiência hiperbólica: questão de semiótica tensiva¹

Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo

Sob o impacto da indústria digital no processo de mediação, o artigo investiga o telejornal (TJ) como experiência hiperbólica: transforma fato em acontecimento. O fato, captado no prosaico material do “mundo natural”, torna-se acontecimento no TJ, por práticas e operações textuais que incidem em seu texto sincrético, proporcionando um instante de plenitude estésica e estética no telespectador. A fusão da imagem, do relato e do som será investigada, segundo as dimensões da semiótica tensiva, em dois eixos distintos: sintaxe intensiva (andamento e tonicidade) e sintaxe extensiva (temporalidade e espacialidade). As relações e gradações do texto evidenciarão o “fascínio” da práxis enunciativa pela dimensão concessiva e o conjunto de práticas culturais acionadas que transformam a continuidade amorfa do cotidiano em espetáculo único.

Palavras-chave: semiose; meios digitais; intensividade; extensividade; concessão.

Meios digitais e práticas semióticas

Em qualquer momento histórico, uma nova tecnologia parece sempre vir abalar a tranquilidade geral. O novo é sempre temido, pois representa uma ruptura nos padrões instituídos. Entretanto, com o passar do tempo, por apropriação, adaptação e até substituição do antigo, o novo se integra e domina. Para entender esse processo, basta lembrar da velha *Remington*, do mimiógrafo, artefato subversivo durante a ditadura, ou do aparelho de fax, tão cedo, já descartado.

Os meios digitais representam essa ruptura de padrões e vieram para ficar, pois representam uma evolução na qualidade de gravação e na aceleração de resultados, integrando-se no cotidiano das grandes empresas e de grande parte da população mundial. Boa parte das fases da produção televisiva, como a edição, os efeitos de computação gráfica, dentre outros, hoje passam por técnicas digitais. As possibilidades que oferecem são incontáveis e promissoras, alargando ainda mais os efeitos de sentido do texto televisivo, que já emprega práticas tão impactantes, que saltam aos olhos do

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Semiótica da Comunicação.

² Pós-doutora na área de Ciências Sociais Aplicadas (Rádio e Televisão) como bolsista da CAPES em Paris- França (2006), é professora do curso de Comunicação Social e vice-coordenadora do programa de pós-graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista FAAC/UNESP/Bauru/SP. Líder no GES-Unesp, Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, investiga os processos de significação da produção televisiva em estudos teóricos e análises críticas das linguagens, mediações e interações em dezenas de artigos publicados. Endereço eletrônico: mlvissotto@uol.com.br
link: www.faac.unesp.br/pesquisa/ges/

observador: estratégias invasoras, regadas a exclamações que magnetizam e provocam surpresa a ponto de sufocar os textos e o telespectador. Transformando o fato em acontecimento, a mídia televisiva se mostra um campo ideal para a aplicação da gramática tensiva de Claude Zilberberg, um dos ramos avançados da semiótica atual.

A partir de *Semiótica das paixões* (Greimas e Fontanille, 1993), a semiótica abriu o texto para o “mundo natural”, sustentando que a significação se articula em duas direções, uma manifestada e realizada, outra manifestante e realizante. Se para a primeira, os esquemas actanciais, os programas narrativos etc. são eficazes, para a segunda, os elementos a serem tratados são a percepção, as sensações, a intencionalidade, a cognição, o contexto social. As críticas ao imanentismo e ao percurso gerativo do sentido desconhecem a evolução da semiótica, pois ela mudou: deixou o imanentismo e o universalismo, que faziam do texto um horizonte intransponível, e agora considera a significação, não como dependente apenas do texto, mas decorrente de dados extralingüísticos, tais como as noções de “horizonte tensivo”, “precondições da significação”, “valências”, “espaço tensivo”, “estesia”, “protensividade e devir”, “andamento”, “tensividade”, “formas de vida”, “práxis enunciativa”, aquisições e desdobramentos introduzidos a partir dos anos 90.

A espera do inesperado

No fluxo contínuo da programação televisiva, o telejornal (TJ) se apresenta como uma promessa de informação sobre a realidade. Cada notícia rompe a continuidade, instaura o descontínuo, instigando a curiosidade (uma paixão primária), que nos toca por seu lado emocional (afeição) provocando a adesão contratual nas dimensões passional, fiduciária, pragmática e cognitiva. Cada reportagem aparece na pequena tela como um espetáculo, graças às técnicas audiovisuais que a televisão dispõe. Seu formato narrativo e descritivo conquista o telespectador pela intensidade do afeto que sua produção manipula (foria e estesia). Se o fato é inesperado, o TJ vai recriá-lo, convocando testemunhas e outros efeitos referenciais, imagens de arquivo, fotos, reconstituição dos fatos e efeitos de desenho em computação gráfica, pois, não esqueçam que a televisão chega sempre depois do fato consumado³. Se, ao contrário, tratar-se de um fato esperado, este poderá ter ainda mais extensão, pois toda parafernália

³ Essa reconstituição do acontecimento lembra a hipotipose, que em retórica é uma figura de estilo por imitação que “pinta as coisas de maneira tão viva e animada, uma maneira específica de colocá-las diante de nossos olhos, fazendo do relato ou da descrição uma imagem ou até uma cena viva” (Fontanier, 1977: 390).



de gravação ocupa um lugar reservado *in loco*, com a utilização de enviados especiais, testemunhos, depoimentos, tomadas de vista geral ou *zoom* etc.

O TJ é sempre um espetáculo intenso, hiperbólico⁴, nele, os fatos escolhidos são apresentado como o maior, o mais importante ou mais grave, conseqüentemente, o mais singular, o único. Esse processo de escolha, em que a uns é dado maior intensidade e a outros nenhuma importância – refiro-me aos fatos descartados na edição final do TJ -, decorre do processo normal de percepção de todos nós: dentre tantos elementos que povoam o nosso dia-a-dia, captamos aqueles que nos tocam, que nos atingem de forma contundente, eufórica ou disforicamente. Do mesmo modo, a produção do TJ recolhe do mundo natural os fatos que melhor atingem a opinião pública⁵, utilizando processos capazes de tocar emocionalmente cada telespectador. Muito mais do que testemunha ocular do fato, o telespectador é privilegiado por uma visão síntese que insiste nos elementos que dão maior intensidade à matéria.

Qualquer matéria hoje produzida pelo processo de edição utiliza meios digitais que favorecem o impacto desejado pela produção. Os elementos que possibilitam essa intensificação estão em qualquer produto televisivo, que uma análise detalhada pode evidenciar. A partir de um *corpus* mais vasto, constituído por gravações de TJ de canais abertos brasileiros, tomo a gravação do Jornal Nacional (JN) da rede Globo de Televisão, apresentado no dia 11 de maio de 2007, último dia da visita do papa à cidade de São Paulo, assunto predominante na programação da Globo dessa semana, que também evidencia sua opção pelo catolicismo, recorrente em seus diferentes produtos. Para ilustrar a análise detalhada, que tentará abarcar o relato transcrito, as imagens e os efeitos sonoros, tomarei a reportagem síntese: “Eu vi o papa de perto”, apresentada no final da edição. A transcrição e as fotos captadas do vídeo estão colocadas nos anexo 1 e 2. Tanto o TJ como um todo, quanto essa reportagem, que resume os três dias de visita do papa à cidade de São Paulo, serão analisados segundo as dimensões da semiótica tensiva, uma abordagem do texto que aproxima semiótica e retórica.

Efeito de presença: processos tensivos

⁴ Essa intensificação do sentido parece referir-se à hipérbole, que em retórica é uma figura de expressão, que “aumenta ou diminui as coisas com excessos e apresenta-as bem abaixo ou bem acima do que elas são, com o objetivo, não de enganar, mas de conduzir à verdade mesmo, e fixar, afirmando o incrível, aquilo que é preciso acreditar realmente” (Fontanier, 1977: 123).

⁵ Acredito que não seja necessário mencionar os sempre presentes interesses da empresa, dos anunciantes, dos patrocinadores etc.

A mídia tem muitos defeitos, mas ela faz pequenos milagres: suprime, do ponto de vista enunciativo, o tempo e a distância. O que está longe torna-se próximo, eis a “mágica” da televisão! Embora, cada vez menos apresente programas “ao vivo”, a TV conhece o valor que a transmissão direta dá ao produto: presentificação, veracidade e impacto, transformando o telespectador em testemunha ocular, um parceiro que crê no que vê e se emociona, captado pelos sentidos. O primeiro objetivo de um TJ é mergulhar o telespectador no tempo e no espaço do discurso, com a preocupação de criar efeitos de *presença*⁶. Assim, a práxis enunciativa se instala pela tomada de posição dos respectivos enunciadores no início do TJ: o apresentador Willian Bonner no estúdio do Rio de Janeiro, tendo ao fundo o painel com a foto do papa sobre a silhueta da Basílica de N. Sra. Aparecida, efeito de computação gráfica (Foto 1), anuncia o TJ, atribuindo-lhe “valores históricos” e chama Fátima Bernardes, “ao vivo”, que está em Aparecida, SP., cidade em que o papa Bento 16 chegou às 19 horas dessa sexta-feira. Fátima e Bonner, um ao lado do outro, como fazem todas as noites no Jornal Nacional (F. 2), estão em posição invertida, posição que será restituída no final da edição (F. 24).

Dos 5 blocos que constituem o JN, 4 são dedicados à visita do papa e Fátima surgirá no vídeo (com o logo da Globo, acompanhado do símbolo “ao vivo”), apresentando cada matéria relativa ao papa e também no final dos blocos, para anunciar as chamadas do bloco seguinte. Bonner apresenta apenas o bloco 3, com matérias fora do tema. A edição dessa noite compreende 19 notícias, das quais 13 são dedicadas à visita do papa. Isso significa que Fátima e o “ao vivo” estão presentes na telinha em cada passagem, a todo momento, numa insistência quase “doentia” de que a transmissão se faz “ao vivo”. A transmissão direta de lugares diferentes (Rio e Aparecida, nesse TJ) é mais uma técnica decorrente das novas tecnologias, que permitem a referencialização no tempo da reportagem e incidem no eixo da intensidade. Trata-se de um elemento englobante (Bonner, no Rio de Janeiro) que integra em seu interior outro elemento (Fátima Bernardes, em Aparecida), que, por sua vez, integra em si cada reportagem realizada por outros repórteres. Essa série de englobamentos, estratégia denominada por Barthes de “*mise en abîme*” é, na verdade, uma montagem, um simulacro nessa edição, pois, ao contrário do que tentaram sugerir, os fatos relatados compreendem a agenda do papa nessa sexta-feira: desde a madrugada, com a chegada dos fiéis para a missa no campo de Marte, até a chegada em Aparecida, às 19 horas, horário que não coincidiu

⁶ Essa intensificação do sentido lembra, mais uma vez a hipotipose, figura retórica assinalada na nota 3 deste texto (Fontanier, 1977: 390).

com o da transmissão do JN, portanto, nenhuma matéria aconteceu “ao vivo”. Mas no relato e na edição, o efeito de presença está garantido por um componente afetivo: Fátima Bernardes, tendo ao fundo a basílica iluminada (F. 3), conduz o telespectador a acreditar na simultaneidade do tempo e no transporte no espaço, chegando mesmo a anunciar, no início do Bloco 4, a hora certa: “São 8 horas e 49 minutos” e apresentando a agenda do papa para o dia seguinte.

Do mesmo modo, na reportagem “Eu vi o papa de perto”, o efeito de presença se instala de forma afetiva, verbalizada em tonalidade dramática (prosódia) por Neide Duarte, a repórter aparece no vídeo cinco vezes (Fig. 6, 7, 8, 9 e 17 que corresponde aos parágrafos 2, 3 e 6 da transcrição) para insistir no efeito de aproximação do texto em relação ao centro enunciativo⁷. A repórter faz seu relato com nuances de voz como se fosse uma música, isto é, com injunções de andamento e de tonicidade que falam diretamente à “alma” (Zilberberg, 2006: 41). Assim, a fusão da imagem, do relato e do som torna-se um instante de plenitude estésica e estética, produto eficaz, instante que sobrevém na continuidade amorfa do cotidiano. Num processo de ascensão constante, marcadas por gradações sucessivas em direção a um instante de sublimação, o papa, enquanto celebridade (do início), passa a “papa santo” (Par. 6), que abençoa (Par. 7; F. 18) e é aclamado pela multidão em sua partida: “Santo! Santo! Santo!” (Par. 8, final; F. 23). Instante que nos lembra a “fratura”, “essa suspensão inesperada do tempo”, de que nos fala Greimas (2002: 25).

Claude Zilberberg (2006) propõe tratar o discurso em dois eixos, o da sintaxe intensiva e o da sintaxe extensiva. A primeira rege o andamento na relação aceleração/afrouxamento, e a tonicidade, como estabelecimento-duplicação/atenuação; com relação à sintaxe extensiva, trata a temporalidade e a espacialidade como concentrado/difuso. A direção geral do texto é a intensificação, alternando aceleração e afrouxamento, numa ascendência tônica que chega a duplicação. A visita de três dias do papa a São Paulo implica seqüências previsíveis de atonia: deve ter havido signos de fadiga, bocejos, crianças inquietas, choro, sem falar do frio, da garoa e da espera. Entretanto, na reportagem (3’ e 10’’ de duração), o relato e as imagens não registram fatos disfóricos, ao contrário, investem na interação do papa com seus fiéis (festiva e cheia de emoção).

⁷ As sete fotos (F. 1, 2, 3, 6, 9, 17 e 24) referem-se à interferência dos jornalistas, que são os intermediários, os intercessores entre o fato e cada telespectador, exercendo o que Jakobson denomina a *função fática*, aquela que mantém o contato e garante a formação, a relação, a consolidação da cadeia enunciativa entre o aqui e o lá, reciprocamente.



Sintaxe intensiva

Tanto no relato quanto nas imagens, o conteúdo intensivo (ângulo da intensidade) rompe a progressão (ângulo da extensidade) quando o sentimento de carência, de “imperfeição”⁸ é introduzido: a busca de proximidade dos fiéis em relação ao papa, um desejo que tem que ser contido com paciência (no relato e imagens do largo de São Bento, no estádio do Pacaembu e no campo de Marte, até o Par. 5), em três formas: **1.** Pela reiteração: “*Tempo* de garoa em São Paulo, *tempo* de paz no futebol, *tempo* de espera”; **2.** Pela espera: os “caminhos do papa” é o espaço da /espera/ e da /abnegação/: o ilustre visitante é esperado por seus fiéis, aguardar é um dever-fazer imperativo para cada um. As imagens da multidão de fiéis sobre o largo de São Bento (F. 4 e 5) são acompanhadas de quatro sonoras que introduzem o item **3.** A certeza de ver o papa, pela primeira ou mais uma vez (Par, 2 e 3; F. 6, 7, 8, 9);

Ocorre um desejo pela espera de um pico de intensidade. Quase um paradoxo, pois a intensidade só ocorre pelo retardamento, pelo adiamento, pelo “não agora”, isto é, pela espera, como diria Valéry “Attendre, c’est percevoir un accroissement”. A espera pressupõe, seja um afrouxamento por parte do objeto (papel desempenhado pelo encadeamento do relato, das imagens e das sonoras), seja um saber esperar da parte do observador: “Daqui meia hora mais ou menos” (Par. 2, F.7), a espera no largo de São Bento, em cuja janela do mosteiro o papa apareceu várias vezes para abençoar os fiéis. O *afrouxamento*, subvalência do andamento, tem por plano de expressão a aspectualização, isto é a multiplicação das paradas, papel da própria reportagem (Par. 2, 3, 4). Trata-se de retardar o fim que significa a despedida, daí a virtualização da emoção (nas 6 sonoras), e da intimidade, na última sonora: “Papa, apareça mais vezes” .

Para reparar a carência, o relato investe na reciprocidade do papa, manifestada de duas formas (Par.6): **1.** por *concessão* (voltarei a esse conceito): “Apesar de estar atrás de vidros blindados, o papa desenvolveu uma relação muito próxima...” **2.** por *implicação* ou deduções e entimemas construídos pelo próprio discurso: “como se o mosteiro fosse a casa dele”, “como se fosse nosso vizinho”. Com esse argumento, a práxis não só repara a carência anulando o distanciamento como exalta a proximidade dando espaço a certa intimidade (“nosso vizinho”), e ainda investe na afirmação de um

⁸ A “falta” propiana do nível narrativo e a aspectualização evoluíram para a “imperfeição”, segundo Greimas, (2002), que denomina a distância entre a *apreensão* e a *visada*. Esses dois conceitos foram bem definidos por Claude Zilberberg. Na apreensão, temos um sujeito que sofre uma prova. Ele fica “*surpreso, impressionado, marcado por aquilo que lhe acontece*”, “*uma presa do sobrevir*”. Na visada, temos um sujeito operador que está engajado num “*esforço*”, “*segundo o modo de eficiência do conseguir*” (Zilberberg, 2007)

sujeito único, exclusivo e supremo: “um vizinho santo”. Inserindo, a seguir, a cena do papa abençoando os fiéis, com o registro de sua própria voz (Par. 7; F.18), o impacto é instalado na reportagem, lembrando o *acontecimento*, conceito recente de Zilberberg (2007), em que um sobrevir, uma suspensão do tempo introduz a espera e a ansiedade, as quais são apresentadas no texto de quatro formas no último parágrafo da reportagem: **1.** no seu próprio comportamento, pelas constantes aparições à janela do mosteiro: “a cada presença, o delírio da multidão” (Par. 8; F. 19); **2.** “o dia da despedida de São Paulo” com imagens muito próximas dele (F. 20) seguida do papa no papamóvel (F. 21); **3.** “e nós também tínhamos as nossas mensagens: Papa, apareça mais vezes!” (F. 22); **4.** Vozes na multidão gritando Santo!Santo! Santo! (F. 23)

Distinguem-se duas espécies de andamento, percebido sobretudo no visual: **1.** o andamento enuncivo, que concerne à lentidão do relato com paradas (limite superior da lentidão) em que a repórter colhe testemunhos de pessoas do povo (F. 06, 07, 08. 09, 16 e 22) ; e **2.** o andamento enunciativo que concerne os grandes e rápidos movimentos da câmera e/ou cortes da edição. No visual, a tonicidade está nos elementos que dão profundidade. O que está próximo é tônico, o que está longe, átono. Assim, os depoentes estão mais próximos e o papa é a única pessoa que se beneficia do *close* (F.20), ao passo que a multidão é vista de longe e do alto.

Zilberberg define como modos de junção a implicação e a concessão. O modo implicativo é aquele conhecido como o da “causalidade legal”, “b direito e o fato estão em concordância um com o outro”: “se *a*, então *b*”. O modo concessivo é, segundo os gramáticos, aquele da “causalidade inoperante”: “mesmo que *a*, no entanto não *b*” (2007). Geralmente, a intensificação concessiva, por seu andamento vivo e elevado, é mais intensa que a primeira; por isso mesmo é que a concessão é tão preciosa.

Portanto, há duas espécies de intensificação: uma intensificação implicativa segundo o esperado e uma intensificação concessiva, segundo o inesperado e a surpresa, evidentemente relativa, mas desenvolvida ao extremo nesse TJ⁹. O esperado está no protocolo: a multidão concentrada no largo de São Bento, o *show* de rock no estádio do Pacaembu, a missa no Campo de Marte, cenas em que se percebe a intensificação pela escolha dos aspectos mais sensíveis: a multidão reunida (F.4), os acenos à chegada do papamóvel (F. 5) o depoimento dos fiéis (F. 6-9), os aplausos, os gritos, as lágrimas

⁹Em geral as reportagens são construídas sobre esses modos de junções, a implicação, que significa que os argumentos são colocados sequencialmente como causa e consequência; e a concessão, quando a relação entre os argumentos é de contrariedade, como acontece na gramática:

(F.11, 12, 13), as saudações do papa (F.10 e 14). O inesperado é a conversão do distanciamento em proximidade com figuras num processo de gradação que se inicia em: “*Apesar de* estar atrás dos vidros blindados, o papa desenvolveu uma relação muito próxima.”(Par. 6), iniciado com conectivo concessivo. A seguir, a construção do entimema, que o eleva de hóspede a vizinho, cria o efeito de sentido de intimidade que se acopla ao conceito de santidade: “um vizinho santo”. A bênção do papa, reproduzida em sua própria voz, eleva a tensividade (Par. 7), as freqüentes aparições (11 em dois dias) e “o delírio da multidão” e “o dia da despedida” (Par. 8) são figuras que preparam a apoteose da matéria: “Papa, apareça mais vezes!”, um convite entre pessoas que têm uma certa intimidade, e a aclamação como santo no momento da despedida (F. 23).

Como na maioria dos textos, predomina na matéria o processo de concessão, pois mesmo que aqui apresente apenas um conectivo concessivo (“apesar de”, Par. 6), pelo menos dois enunciados podem ser considerados concessivos: “Foram dias e noites de frio” (Par. 2) e “naquela noite, naquele aperto” (Par. 4), que pressupõem os enunciados: *Apesar do frio*, milhares de fiéis seguiram os caminhos do papa e apesar do aperto, “começou nossa convivência com o papa...”

A partir do Par. 6, o texto joga com a alternância dos termos complexos /distanciamento/ vs /interação/ e uma tensão aparece entre o “visitante célebre” e o “vizinho santo”. Os valores de intensidade pesam sobre a condição de /distanciamento/, em que o papa é visto como uma celebridade protegida por forte esquema de segurança, um objeto de curiosidade, implícito, segundo o esperado. Entretanto, o termo /vizinho santo/ está manifestado segundo o inesperado: “para nos abençoar”. Um termo complexo é colocado no plano da expressão: “vidro blindado” vs “relação mais próxima” e atualizado no plano do conteúdo como /distanciamento/ vs /interação/. Os termos complexos são concessivos.

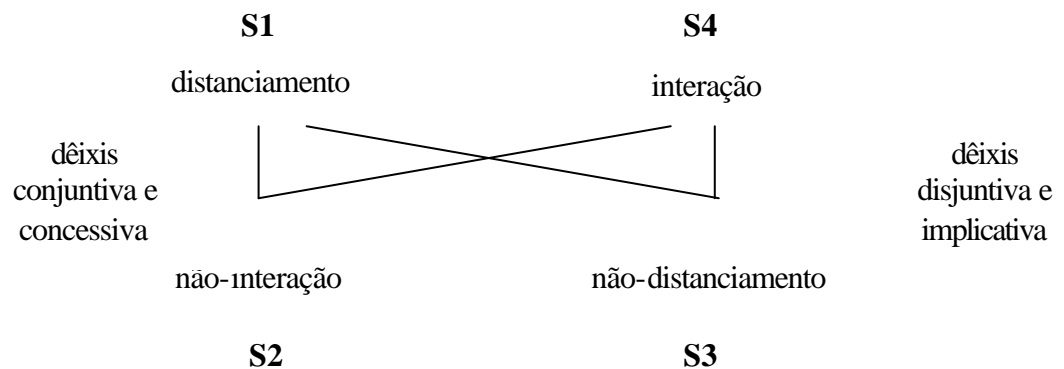
A interação é potencializada a partir do final do Par. 6. Cada vez que esse termo aumenta a tonicidade, o termo /distanciamento/ torna-se um valor efêmero, que diminui com a duração do tempo, atenuando-se. De maneira gradual e ascendente, a santidade do papa será reforçada no decorrer do texto por inclusões tensivas de debreagens, graças as quais outras vezes intervêm para fazer da enunciação uma ação plural: a voz do papa na bênção (Par. 7; F. 18), o povo em delírio (F.19) e o povo aclamando-o santo (F. 23). Essas imagens são metáforas do inesperado, um momento de estesia.

A alternância de termos complexos apresenta-se na ordem: do distanciamento para a interação. Trata-se aqui de aplicar o que Zilberberg denomina o intervalo entre

dois gradientes de S1 a S4, em que S1 e S4 intervêm como sobre-contrários e S2 e S3, como sub-contrários. Os sobre-contrários são tônicos e distantes e os sub-contrários são átonos e próximos. Essas posições estão demonstradas na apresentação dos gradientes:

S1	S2	S3	S4
Distanciamento	não-interação	não-distanciamento	interação

Retomo o quadrado semiótico, que parece melhor representar a questão tratada:



(S1) O /distanciamento/ está representado em numerosas ocorrências no relato e nas imagens: no vidro blindado do papamóvel (F. 5), na janela do mosteiro também blindada (F. 10), em todas as cenas em que o papa é visto de longe (F 12) e no palco, em que o papa é gravado de costas (F.14).

(S2) A / não-interação/ é o gradiente evitado no texto: não há marcas, só pressupostos, se não houvesse o fator fé e demais simulacros do discurso.

(S3) O / não-distanciamento/ realiza-se em três enunciações: **(i)** nas ações do povo em seguir o papa “para vê-lo e ouvi-lo”, atualizado nas próprias palavras dos entrevistados (Par. 2 e 3); **(ii)** nas ações do papa, que mesmo ainda distante, é apresentado de braços abertos como um pai a acolher o filho (F. 10 e 14) e o vidro abaixado do papamóvel (F. 21); **(iii)** no relato da repórter: “A estrela do papa brilhava lá no palco e a platéia respondia com outras luzes” (Par. 4).

(S4) A / interação/ está representada também triplamente: **(i)** como simulacro do relato: “Uma relação de costume e de afeto” (Par. 4) e da imagem: a aclamação com palmas e gritos no show de rock do Pacaembu (F. 13) e na saudação final dos fiéis, (F. 23); **(ii)** nas ações do papa priorizadas pela edição: a bênção e o *zoom* do papa (F. 18 e 20)

S1 e S2 são as vertentes disfóricas, um papa distante, apenas uma visita célebre;

S3 e S4 são eufóricas, construídas pelo discurso. A distância está presente em toda primeira metade do texto. Como invalidar esse distanciamento dos fiéis para com o papa? Isso só é possível através da negação do distanciamento. A interação é colocada na forma da concessão. A passagem de S1 para S4 efetua-se sempre por concessão¹⁰.

Do mesmo modo, a descrição do comportamento dos fiéis recebe um tratamento tensivo com duas variações retóricas: **1.** nos parágrafos 2 e 3, o relato da repórter encadeia-se com as sonoridades dos fiéis: “Pelas ruas, sabíamos de cor os caminhos do papa Bento 16. - Vai passar por aqui? – Vai passar!” e “E aonde eles (caminhos) podiam nos levar. – Eu já vi o papa três vezes já!”. Esse encadeamento provoca a tensão entre a durabilidade do primeiro enunciado (relato) e a terminalidade do segundo (diálogo), pois o relato da repórter se alonga (extensidade), ao contrário do que as sonoridades, que são breves e pontuais (intensidade); **2.** outros enunciados sugerem uma certa ascendência tensiva da parte dos fiéis que no início esperam: “Vai passar. Daqui a meio-hora mais ou menos” (Par. 2), depois, aplaudem e participam: “No estádio do Pacaembu, vivemos horas de *show* de rock (Par. 3) e ”a platéia respondia com outras luzes (Par. 4; F 14) e finalmente, a multidão o aclama santo! (Par. 18; F. 23), posições demonstradas no quadro :

Ascendência tensiva dos fiéis

expressão:	espera	aplausos	Santo! Santo!
conteúdo	estabelecimento	amplificação	paroxismo

Os detalhes escolhidos para constar no relato e as imagens selecionadas na edição criam a atmosfera de cordialidade, proximidade, interação (intensidade: tonicidade). Dessa forma, a atmosfera do largo de São Bento invadido pela multidão (F. 4, 5, 11 e 12), nova multidão no campo de Marte (F.15) pertencem ao visual; a recepção no Pacaembu (F. 13), a bênção (F.18) e a aclamação final (F. 23) pertencem ao audiovisual; “Hoje era um dia especial” (Par. 8) e “ nesse dia histórico da canonização de Frei Galvão” (Par. 9) são enunciados que pertencem ao relato. Todas essas figuras são superlativos por excelência que visam à unicidade, um espetáculo único, exclusivo. Trata-se da hipérbole, uma figura de retórica que leva os fiéis à emoção, a uma catarse

¹⁰Claude Zilberberg diz que a práxis tem uma espécie de “fascinação pela dimensão concessiva”, a qual, no texto, apresenta-se de seguinte maneira: Ainda que seja homem, ele não morrerá. (2002: 21)

necessária para alimentar os afetos.

Assim, a tonicidade é a sub-dimensão mais importante do texto. Ela tem como plano de expressão a emoção e como plano do conteúdo a *superioridade* e o *excesso*. Empregando a concessão, o jogo consiste em considerar o excesso como único, exclusivo, supremo, segundo o princípio do “nunca suficiente”: “Eu já vi o papa três vezes já!” (Par. 3), daí a pregnância da amizade, uma relação íntima: “Papa, apareça mais vezes!” (Par. 8), dois exemplos de hipérboles. Trata-se aqui da lógica do conseguir, pois a tonicidade não é obtida pelo impacto de um acontecimento singular, mas, ao contrário, pela construção do relato, pela *lentidão*, lógica, progressiva, na qual a elevação da tonicidade é obtida pelo *afrouxamento* (diminuição da velocidade).

A sintaxe extensiva

Há uma difusão da emoção no ponto de vista da sintaxe extensiva, pois, no texto, há quatro referências ao número de pessoas: “Milhares de fiéis” (Par. 1), “no meio da multidão” (Par. 3), “a platéia respondia...” (Par. 4) e “o delírio da multidão” (Par. 8). O texto produz uma operação de mistura: “moradores e forasteiros, tanto faz...” (Par. 1), para, em seguida, instituir um actante coletivo que transcende as diferenças, interrogando pessoas do povo nas sonoras. A moral é simples: a fé aproxima. As diferenças não importam mais. Os afetos são comuns.

A respeito da sub-dimensão temporalidade, a pertinência consiste na passagem da *visada* para a *apreensão*, em que a visada caracteriza a espera: “Foram dias e noites de frio” (Par. 2) e “A senhora estava no meio da multidão no dia em que ele chegou?; e a *apreensão*, a benção do papa e o momento do adeus (Par. 7 e 8).

A espacialização será tratada inicialmente do ponto de vista paradigmático, no qual os espaços são previstos: a “capital paulista” (Par. 1) ou “São Paulo” e “pelas ruas” (Par. 2), “largo de São Bento”, “estádio do Pacaembu”, “palco” (Par. 4); “Campo de Marte”, “endereço do papa em São Paulo, o mosteiro de São Bento” (Par. 5); “Casa dele”, “janela” (Par. 6) cuja oposição pode ser construída nas dicotomias /englobante/ vs /englobado/, /interior/ vs /exterior/, ou ainda /público/ vs /privado/.

Do ponto de vista sintagmático, pergunto: esses espaços se comunicam ou não uns com os outros? São Paulo, suas ruas, o largo de São Bento e o Campo de Marte são espaços *abertos*. O estádio do Pacaembu e o palco são termos neutros, nem abertos nem fechados. O mosteiro de São Bento, endereço do papa, é um espaço *fechado* e a janela blindada é um espaço *hermético*. O papa efetua uma série de translações na

capital do estado: das ruas até o mosteiro e deste até o Pacaembu e, no dia seguinte, ao Campo de Marte. E no interior do mosteiro, desloca-se 11 vezes para a janela blindada, para a bênção dos fiéis. O mosteiro é portanto um espaço de transição e um espaço ambivalente, é o momento da conjunção e também da disjunção, ou ainda: da última conjunção, daí a dramatização. Assim, a temporalidade e a espacialidade variam na mesma direção: ambas se abrem à interação. Assim a partida do papa embora seja uma situação terminativa, a relação afetiva construída tem valor incoativo e durativo, cuja função é abreviar e concentrar o tempo a fim de confortar a multidão de fiéis (e os telespectadores) diante da despedida.

A reportagem, que começa com imagens do papa sempre distante, atrás de vidros blindados e até posicionado de costas (F. 5, 12 e 14), termina com as imagens do papa em *zoom*, num papamóvel cujo vidro lateral está abaixado e num cortejo aclamado pelo povo como santo (Par. 20, 21 e 23). Essa abertura, registrada no final da reportagem, consiste em uma das marcas mais constantes do TJ, porque a reportagem deve sempre terminar com valores muito fortes, que unam aspectualidade e tonicidade.

Para terminar

A práxis enunciativa interessa, além disso, à semiótica das culturas. Com efeito, ela produz “taxionomias conotativas”, ou seja, recortes da macrossemiótica do mundo natural, que são próprios de uma área ou época cultural; essas taxionomias são, por sua vez, constituídas de microssemióticas, lingüísticas ou não-lingüísticas, nas quais cada termo, em razão dos laços de dependência e diferença que o unem aos demais, *conota* a filiação a um universo cultural particular. (Fontanille et Zilberberg, 2001: 190-191).

Em relação ao discurso, não há uma essência imutável nas coisas. O discurso deve estabelecer a grandeza a partir das circunstâncias próprias do campo de presença: deve colocar em ordem uma lista de circunstâncias compatíveis com a instância da enunciação e uma lista daquelas não compatíveis. Assim, há posições proibidas e permitidas, composições proscritas ou aceitas numa determinada cultura. Nosso texto, ao assumir a isotopia /distanciamento/ no princípio, a práxis inscreve valores culturais disfóricos para, em seguida, introduzir a isotopia /interação/, de valor eufórico.

Trata-se de um discurso de cunho narrativo (acontecimento \Rightarrow estado) já que esse último constitui-se “de um esquema no qual estão associados os eventos salientes, que são extraídos, em virtude de sua própria intensidade, do repertório pré-narrativo do devir” (Fontanille e Zilberberg, 2001:168). A tensão (tônica-átônica) é de predicação



intensiva, mas a práxis enunciativa introduz elementos de predicação existencial, pois a presença é estabelecida como histórica, simbólica e alegórica: **1.** histórica: na abertura, quando W. Bonner afirma que o texto tem valor histórico e fechamento, quando Fátima Bernardes diz “nesse dia histórico”; **2.** simbólica e alegórica: quando o papa é apresentado de braços abertos e quando benze os fiéis com sua própria voz.

Sem dúvida, é um relato que insiste nos valores de aproximação, de interação, grande causa da Igreja católica: a predicação existencial do papa, de sua santidade, do desejo da multidão e do Santo Padre como um pai verdadeiro. A práxis enunciativa recolhe essa presença no tempo e no espaço, os aspectos estéticos-estésicos ligados à sensorialidade e à afetividade, capazes de ressemantizar o discurso, dando-lhe uma nova aura semântica, uma aura mítica.

Essa análise não foi exaustiva como deveria ser, segundo Hjelmslev, mas pretendeu demonstrar que a práxis enunciativa, enquanto instância do discurso em ato, rege numerosas operações muito mais da categoria do sensível do que do inteligível. Como um regente de orquestra, em que cada musicista deve ler sua partitura, a leitura que deve ser interpretada de modo coletivo, num andamento (lento ou rápido, segundo uma escala) com variações de tonicidade (forte ou fraca e seus graus), adaptada a uma época, às pessoas etc., para, todos juntos, emocionar o público. A produção da reportagem depende de modelos, de normas prefixadas do gênero, mas adaptou-se às formas de vida de seu público. Essa reportagem reúne estratégias do fazer-criar e do fazer-sentir, ao mesmo tempo em que utiliza a crença e os valores culturais.

Muitas disciplinas investigam a cultura sem tratar da textualidade. A semiótica nos permite analisar a cultura a partir da textualidade. Na práxis enunciativa do TJ, há muito mais do que uma equipe profissional responsável por sua produção, pois, atrás de cada membro dessa equipe, existe, ao mesmo tempo, um conjunto de práticas e operações textuais e culturais em jogo: microssemióticas nas quais cada termo estabelece relações, dependências e exclusões, o que demonstra sua filiação a um determinado universo cultural. Em qualquer situação, o TJ busca os fatos no mundo natural para transformá-los em acontecimentos que suscitam paixões (afetos) nos telespectadores, permitindo que o prosaico material do mundo torne-se um verdadeiro e único espetáculo.

Referências Bibliográficas



FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1977.

FONTANILLE, Jacques e ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*, Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo : Hacker, 2002.

GREIMAS, Algirdas. Julien e FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

ZILBERBERG, Claude. *Eléments de grammaire tensive*. Coleção Nouveaux Actes Sémiotiques, PULIM, Presses Universitaires de Limoges, 2006.

_____. "Louvando o acontecimento", Trad. Maria Lúcia V. P. Diniz. *Galáxia*, revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC, N^o 12, São Paulo: EDUC, 2007 (no prelo)

Anexo 1

Transcrição da reportagem “ Eu vi o papa de perto”

(JN, 11 de maio de 2007)

1. Fátima Bernardes: Nos dias em que estive na capital paulista, Bento 16 foi seguido por milhares de fiéis, moradores e forasteiros, tanto faz, mas gente que pode dizer: Eu vi o papa de perto!
2. Neide Duarte (*in off*): Foram dias e noites de frio, tempo de garoa em São Paulo, tempo de paz no futebol, tempo de espera... Pelas ruas sabíamos de cor os caminhos do papa Bento 16.
Neide Duarte: - Vai passar por aqui é?
Senhora: - Vai passar!
Senhor: - Pode esperar. Daqui meia-hora, mais ou menos.
3. Neide Duarte (*in off*): - E aonde eles podiam nos levar:
Senhora: - Eu já vi o papa três vezes já!
Neide Duarte: - A senhora estava no meio da multidão no dia em que ele chegou?
Senhora: - Eu estava.
4. Neide Duarte (*in off*): Naquela noite, naquele aperto do largo de São Bento, começou a nossa convivência com o papa. Uma relação de costume e de afeto. No estádio do Pacaembu, vivemos horas de *show* de rock. A estrela do papa brilhava lá no palco e a platéia respondia com outras luzes.
5. Para o campo de Marte, levamos nossa fé e a crença nos milagres do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão. Depois da missa, o único norte da multidão era o endereço do papa em São Paulo, o mosteiro de São Bento.
Senhora: - Estou sem dormir desde ontem.
6. Neide Duarte: Apesar de estar atrás dos vidros blindados, o papa Bento 16 desenvolveu uma relação muito próxima com todo esse povo que está sempre a espera para vê-lo e ouvi-lo. E como se o mosteiro de São Bento (imagens da fachada do mosteiro) fosse a casa dele aqui em São Paulo (*in off*). E sendo a casa dele, é como se ele fosse nosso vizinho, um vizinho santo, mas um vizinho que está sempre a sair na janela para nos abençoar.



7. Papa: - Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

8. Neide Duarte: - Ontem ele apareceu seis vezes, hoje foram cinco. A cada presença, o delírio da multidão. Mas hoje era um dia especial, o dia da despedida de São Paulo e nós também tínhamos as nossas mensagens:

Senhora: Papa, apareça mais vezes!

Multidão: Santo! Santo! Santo!

9. Fátima Bernardes: Nós ficamos por aqui nesse dia histórico da canonização de Frei Galvão e voltamos a nos encontrar amanhã. Uma boa noite a todos, boa-noite Willian.

Anexo 2

